



Black Rio, Black Power: cultura e resistância fazendo o Brasil avançar

Estive desanimada com os filmes que entravam em cartaz nos últimos tempos. Muito barulho, sangue e gente chata e vaidosa sendo retratada. Sinal dos tempos em que vivemos, bem sei, mas, finalmente, assisti na telona a algo que fez meu coração vibrar.

O documentário *Black Rio, Black Power*, dirigido por Emílio Domingos e produzido por Leticia Monte, surge como uma poderosa narrativa sobre a rica herança cultural negra no Brasil e os passos que estão sendo dados desde a época em que o filme se passa.

Através de uma lente sensível e uma produção e direção cuidadosas, o filme destaca a força e a resiliência de uma população historicamente marginalizada, que encontrou na música e na estética black power uma forma de expressar sua identidade, afirmar sua existência e resistir às opressões estruturais da sociedade brasileira. Dos subúrbios cariocas, veio um sopro de esperança para um país que insistia em não querer se assumir.

O documentário traz vozes diversas e importantes, como a do Dom Filó, uma das principais figuras do movimento, e de outros músicos e dançarinos que viveram essa época intensamente. Suas falas são recheadas de memórias emocionantes, mas também de um entendimento claro das barreiras enfrentadas pela população negra. Mais do que uma viagem nostálgica, o filme convida à reflexão sobre o quanto ainda precisamos avançar na luta por equidade racial no país.

O movimento que tomou conta dos bailes, favelas e periferias



cariocas inspirou uma nova geração de jovens negros a se apropriarem de seus corpos e espaços por meio da música funk, do soul e dos ritmos afro-americanos.

Na minha opinião, é uma obra essencial e nos mostra que o passado sempre dialoga com o presente, e que as lutas dos anos 1970 ainda ecoam nas periferias, nas favelas e nas rodas de conversa da juventude negra de hoje. Acendeu-me

também a certeza de que a superação do mico histórico que estamos pagando desde a escravatura só vai acontecer quando nós — a população branca — estivermos comprometidos com a necessidade de promover tantas mudanças que ainda precisam acontecer.

O diretor Emílio Domingos já é conhecido por trabalhos que tratam de questões sociais e culturais em documentários como *Favela é moda*

e *Deixa na régua*, em que dá voz às populações periféricas e evidencia suas formas de resistância cultural. Agora ele reforçou seu talento com uma narrativa autêntica, criando um elo entre o passado e o presente.

Domingos faz um uso inteligente de imagens de arquivo e entrevistas com protagonistas do movimento, mostrando a resposta brasileira à onda global do black power nos Estados Unidos, com figuras como James Brown influenciando diretamente essa juventude. O cabelo black, as roupas coloridas e a estética afrocêntrica tornaram-se símbolos de orgulho racial e luta. Ao mesmo tempo, o movimento trouxe uma conscientização política mais profunda, levando à organização de grupos e coletivos que discutiam o racismo estrutural, a desigualdade social e a necessidade de uma maior representatividade negra em todas as esferas da sociedade.

Convido o amigo leitor a Assistir a *Black Rio, Black Power* e reconhecer a relevância desse movimento como uma das muitas faces do que hoje entendemos como resistância cultural negra no Brasil.

Além disso, é uma oportunidade de educar novas audiências sobre mais um capítulo da ditadura militar sob a dimensão da história negra brasileira, muitas vezes negligenciado em narrativas oficiais. O filme não é apenas uma celebração de um período vibrante da cultura negra, mas um lembrete da força de uma juventude que, por meio da arte, impôs sua existência e, ao mesmo tempo, influenciou a formação da identidade cultural do Brasil.

IMPERDÍVEL!